



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

TAMARA DE LIMA COUTINHO

**AS INTERAÇÕES ENTRE BEBÊS E ADULTOS NO BERÇÁRIO
DE UM CREI EM JOÃO PESSOA/PB**

JOÃO PESSOA – PB
2017

TAMARA DE LIMA COUTINHO

**AS INTERAÇÕES ENTRE BEBÊS E ADULTOS NO BERÇÁRIO
DE UM CREI EM JOÃO PESSOA/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura em
Pedagogia da Universidade Federal da
Paraíba, como pré-requisito para a
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Ana Luisa Nogueira de Amorim

JOÃO PESSOA – PB
2017

C871i Coutinho, Tamara de Lima.

As interações entre bebês e adultos no berçário de um CREI em João Pessoa/PB / Tamara de Lima Coutinho. – João Pessoa: UFPB, 2017.

61f. : il.

Orientadora: Ana Luisa Nogueira de Amorim
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) –
Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Educação infantil. 2. Interação. 3. Bebês. I. Título.

UFPB/CE/BS

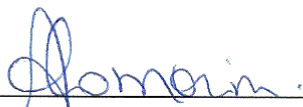
CDU: 373.24(043.2)

TAMARA DE LIMA COUTINHO

**AS INTERAÇÕES ENTRE ADULTOS E BEBÊS NO BERÇÁRIO
DE UM CREI EM JOÃO PESSOA**

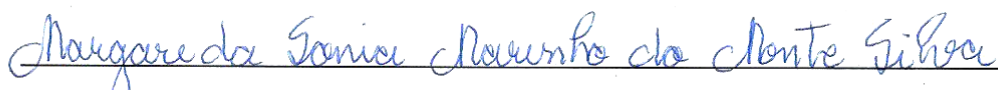
Aprovado em: 22/11/2017

BANCA EXAMINADORA



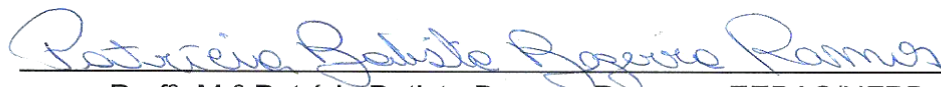
Prof^a. Dr^a. Ana Luisa Nogueira de Amorim – UFPB

(Orientadora)



Prof^a. Dr^a Margarida Sonia Marinho do Monte Silva – UFPB

(Membro da Banca Examinadora)



Prof^a. Mr^a Patrícia Batista Bezerra Ramos – EEBAS/UFPB

(Membro da Banca Examinadora)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pois sem Ele nada aconteceria, e aos meus pais por tanta dedicação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela dádiva da vida e por ter chegado até aqui. Ele sabe de todas as dificuldades encontradas, mas com a Sua ajuda estou realizando este sonho.

Aos meus pais, Adalberto e Albaniza, e a minha irmã, Iara Samara, por tanto amor e zelo. E por todos os seus incentivos para eu nunca desistir. Muito obrigada!

Ao meu noivo, Segundo Rodrigues, por sempre me incentivar e me ajudar nos momentos de cansaço.

À minha orientadora, Ana Luisa Nogueira de Amorim, por tantas ideias, aprendizados, oportunidades, estímulos e por ter me ajudado em todo processo de realização do trabalho. Uma pessoa admirável, competente em tudo que faz. E que tive o prazer de ser sua aluna neste tempo acadêmico.

À minha turma de Pedagogia 2013.1, por tantos momentos vividos na universidade. Levarei por toda minha vida.

À minha amiga Alexia, pela sua ajuda profissional na escrita deste trabalho.
Obrigada a todos!

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo geral analisar as interações entre adultos e bebês na faixa etária de 6 (seis) meses a 1 (um) ano e 5 (cinco) meses em um berçário de um CREI em João Pessoa/PB e por objetivos específicos compreender o cotidiano do berçário, identificar os momentos de interação entre adultos e bebês e compreender as concepções dos profissionais a respeito da vivência pedagógica no trabalho desenvolvido com as crianças. Tratou-se de um estudo de natureza qualitativa, composto de uma revisão teórica sobre o tema. A partir das contribuições de Barbosa (2008; 2009; 2010); RCNEI (1998); Amorim (2011); Barbosa e Richter (2009); Paschoal e Machado (2009). Foi uma pesquisa de campo, que fez uso do Diário de campo para o registro das observações do cotidiano do berçário. A pesquisa foi realizada em um Centro de Referência em Educação Infantil (CREI), na cidade de João Pessoa, e os sujeitos foram as 5 (cinco) profissionais da Educação Infantil (profissionais sem formação docente, denominadas de berçaristas) e a turma de berçário nomeada pela instituição de B1, com 22 (vinte e dois) bebês matriculados. Foram feitas 6 (seis) observações que aconteceram 2 (duas) ou 3 (três) vezes na semana e também 3 (três) visitas para a apresentação da pesquisa e para a realização do questionário, no qual as berçaristas responderam o que entendiam sobre interação e como ocorriam as suas relações com os bebês. A análise de cunho qualitativo foi complementada por exposições das interações que ocorreram no cotidiano do berçário e os resultados obtidos revelaram a falta de compreensão das profissionais em relação as interações com os bebês. Por fim, percebeu-se a importância de ampliar os olhares e buscar novos métodos e oportunidades para a busca de uma melhoria na Educação Infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil. Interação. Bebês. Profissionais da Educação Infantil.

ABSTRACT

The objective of the present study was to analyze the interactions between adults and infants between the ages of 6 (six) months to 1 (one) year and 5 (five) months in a CREI nursery in João Pessoa / PB and by specific objectives to understand the daily life of the nursery, to identify the moments of interaction between adults and babies and to understand the professionals' conceptions regarding the pedagogical experience in the work developed with the children. It was a qualitative study, composed of a theoretical revision on the theme. From the contributions of Barbosa (2008; 2009; 2010); RCNEI (1998); Amorim (2011); Barbosa and Richter (2009); Paschoal and Machado (2009). It was a field research, who made use of the Field Diary for the recording of the daily observations of the nursery. The research was carried out in a Reference Center for Early Childhood Education (CREI), in the city of João Pessoa, and the subjects were 5 (five) nursery professionals (professionals without teacher training, denominated nurserymen) and the nursery class appointed by the institution of B1, with 22 (twenty-two) babies enrolled. 6 (six) observations were made that occurred 2 (two) or 3 (three) times in the week and also 3 (three) visits for the presentation of the research and for the accomplishment of the questionnaire, in which the nurses answered what they understood about interaction and how their relationships with babies occurred. The qualitative analysis was complemented by exposures of the interactions that occurred in the daily routine of the nursery and the results obtained revealed the lack of understanding of the professionals in relation to the interactions with the babies. Finally, it was noticed the importance of widening the eyes and seeking new methods and opportunities for the search for an improvement in Early Childhood Education.

Keywords: Early Childhood Education. Interaction. Babies. Child Education Professionals.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Brinquedoteca	32
Figura 2 - Sala B1	32
Figura 3 - Dormitório	33
Figura 4 - Cozinha do Berçário.....	33
Figura 5 - Banheiro do Berçário	34
Figura 6 - Rotina do Berçário	46

SUMÁRIO

1 APRESENTANDO O NOSSO OBJETO DE ESTUDO	11
2 A EDUCAÇÃO INFANTIL: O CAMINHO HISTÓRICO	15
3 OS BEBÊS E SUAS INTERAÇÕES	22
3.1 O ESPAÇO ADEQUADO PARA OS BEBÊS	23
3.2 OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL	24
3.3 A INTERAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL COM OS BEBÊS	26
4 PERCURSO METODOLÓGICO	29
5 ANÁLISES	31
5.1 CARACTERIZANDO A INSTITUIÇÃO	31
5.2 AS PROFISSIONAIS E OS BEBÊS DO CREI	35
5.3 AS INTERAÇÕES	38
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS.....	50
APÊNDICES	52
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	53
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO	54
ANEXOS	56
ANEXO A – QUESTIONÁRIO DA INSTITUIÇÃO	57

1 APRESENTANDO O NOSSO OBJETO DE ESTUDO

Os bebês são pessoas de direitos. Quando falamos em bebês, nos referimos a criança de 0 (zero) a 18 (dezoito) meses de idade. São crianças que dependem totalmente de um adulto, mas não quer dizer que eles não possam se expressar e interagir com o meio. Essa imagem de que os bebês são imaturos vem mudando ao longo do tempo.

Os bebês precisam de atenção e cuidado, e os adultos são os responsáveis por proporcionar esse acolhimento para eles (BARBOSA, 2010). Conforme Barbosa (2010), a ida dos bebês para a creche significa aumentar o contato da criança com o mundo. As primeiras aprendizagens das crianças acontecem na família e na instituição, onde aprendem valores e costumes sociais e culturais. Com isso, é de suma importância o trabalho nessas instituições para propor o objetivo de “[...] garantir às crianças acesso aos processos de apropriação, renovação e articulação de diferentes linguagens” (BARBOSA, 2010, p. 05). As crianças precisam ter experiências com o meio social e com objetos para ter um progresso intelectual, social, gestual e outros.

O trabalho com os bebês, sem dúvidas, não será por meio de aulas teóricas. Ela acontecerá a partir da criação de uma vida cotidiana com práticas sociais que possibilitem alargar horizontes e ampliar vivências em linguagens para que os bebês experienciem seus saberes (BARBOSA, 2010). Serão nessas práticas que as crianças irão ampliar seus conhecimentos, aprender novas linguagens e, como já se sabe, alongar suas experiências.

Serão exatamente esses primeiros saberes, essas experiências vividas principalmente com o corpo, através das brincadeiras, na relação com os outros – adultos e crianças – que irão constituir as bases sobre as quais as crianças, mais tarde, irão sistematizar os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico (BARBOSA, 2010, p. 05).

O Centro de Referência a Educação Infantil (CREI) atende crianças de 0 (zero) a 5 (cinco) anos de idade. Podemos falar que é um local onde as crianças aprendem “[...] as regras de convívio social, a integrar-se com outras crianças, a trabalhar em grupos e a dividir a professora, os brinquedos e os materiais, a cuidar das suas coisas” (BARBOSA, 2008, p. 01). O trabalho com os bebês é de forma criativa, lúdica,

dialogada e dinâmica. A creche deve ser um ambiente onde a criança possa estar inserida no convívio social.

As atividades que podemos realizar com os bebês no berçário vão além de um simples colocar para dormir, pois até no momento em que o bebê dorme devemos estar atentos nas suas posições. Podemos citar também as atividades para a estimulação do bebê, como, por exemplo: segurar brinquedos e fazer com que a criança o siga com o olhar e chamar sempre a criança pelo nome para que ela já perceba sua identidade. Essas simples atividades já auxiliam no processo sensorial e motor da criança.

O profissional da instituição deve saber que o processo pedagógico com as crianças acontece em todo tempo e em tudo que acontece no dia a dia da instituição. “Ao professor cabe planejar, observar, registrar as atividades realizadas e acompanhar o como as crianças investigam o mundo, suas curiosidades, assombros, risos” (BARBOSA, 2008, p. 05). O profissional precisa enxergar a criança como ela é, independentemente de qualquer coisa, oferecendo cuidado, atenção e, sobretudo, fazendo isso com profissionalismo.

Quando nos referimos a interação, tal ação vai além do educar e cuidar. É o conjunto de fatores existentes envolvendo o bebê, o profissional e a instituição em geral. Essa acontece desde sua entrada no CREI até a sua saída. Barbosa (2010) fala que os adultos precisam compreender os bebês e escuta-los, sabendo sempre o que cada criança precisa, conhecendo o bebê e suas particularidades.

Ela ainda afirma que:

Os adultos são responsáveis pela educação dos bebês, mas para compreendê-los é preciso estar com eles, observar, “escutar as suas vozes”, acompanhar os seus corpos. O professor acolhe, sustenta e desafia as crianças para que elas participem de um percurso de vida compartilhado. Continuamente, o professor precisa observar e realizar intervenções, avaliar, e adequar sua proposta às necessidades, desejos e potencialidades do grupo de crianças e de cada uma delas em particular. A profissão de professora na creche não é como muitos acreditam apenas a continuidade dos fazeres “maternos”, mas uma construção de profissionalização que exige além de uma competência teórica, metodológica e relacional (BARBOSA, 2010, p. 6).

Assim, o interesse por essa temática para esta pesquisa surgiu nas aulas de Organização e Prática da Educação Infantil durante o ano de 2015. Juntamente com o componente curricular de Estágio Supervisionado, possibilitou-se o primeiro contato com o Centro de Referência em Educação Infantil (CREI). Desde o primeiro contato,

tivemos a curiosidade para analisar e conhecer o cotidiano dos profissionais da área, e, em especial, como interagem com os bebês, favorecendo o acolhimento e o desenvolvimento infantil no âmbito do CREI.

A proposta da pesquisa foi direcionada aos profissionais da Educação Infantil e aos bebês do CREI de João Pessoa. Dessa maneira, buscamos entender como ocorria as interações desses adultos com os bebês no berçário. Para isso, foi feita uma pesquisa de campo, procurando entender como acontecia as interações nesse berçário. Fizemos observações, questionários com os profissionais e vimos como acontecia a rotina do berçário em questão.

Decidimos partir para esta pesquisa com o intuito de ampliar mais os nossos conhecimentos sobre esse tema na formação do pedagogo, pois é um tema pouco debatido quando se fala de currículo para bebês. Entendemos que a nossa pesquisa contribuiu para o entendimento de que as interações com os adultos favorecem o desenvolvimento do bebê e também para a reflexão dos profissionais para repensarem e analisarem suas práticas nesse cotidiano.

Com base nas experiências vividas através da disciplina de Estágio Supervisionado, que foi realizada em um berçário de um CREI, percebemos que houveram poucos momentos de interações entre adultos e bebês. Identificamos, assim, uma grande lacuna na formação dos bebês o que tange a interação no espaço do berçário. Durante as aulas de Organização e Prática da Educação Infantil, e com base nos teóricos estudados na disciplina, aprendemos que a interação de adultos e bebês é de suma importância para o desenvolvimento integral do mesmo. Pois, desde o acolhimento, as interações dos profissionais com os bebês garantem a segurança emocional, a atenção e a confiança da criança.

De acordo com o que foi exposto, temos a seguinte questão norteadora: Como ocorria a interação de bebês e adultos no berçário de um CREI em João Pessoa? Para respondermos a nossa questão de pesquisa, temos como objetivo geral analisar a interação dos adultos com os bebês no berçário de um CREI em João Pessoa/PB. Como objetivos específicos, buscaremos compreender o cotidiano do berçário, identificando cada momento que ocorreram as interações dos adultos com os bebês e entender as concepções dos profissionais a respeito da vivência pedagógica no trabalho desenvolvido com as crianças.

O trabalho está organizado da seguinte forma: No primeiro capítulo, iremos contextualizar a história da Educação Infantil e seus avanços durante o processo

histórico. No segundo capítulo, caracterizamos quem são os bebês, o espaço adequado para eles, os profissionais da Educação Infantil e como são as interações entre os profissionais e os bebês. Em seguida, falamos como foi feito o processo metodológico para a pesquisa e mostramos os resultados e análises. Por fim, concluímos a pesquisa respondendo como ocorreram as interações entre os adultos e bebês no berçário de um CREI em João Pessoa/PB.

2 A EDUCAÇÃO INFANTIL: O CAMINHO HISTÓRICO

A educação da criança, inicialmente, era de responsabilidade familiar. Ela crescia aprendendo as tradições e regras da cultura local. Paschoal e Machado (2009) afirmam que somente na contemporaneidade que a criança teve oportunidade de frequentar um ambiente para a socialização.

Para falarmos da Educação Infantil no Brasil, primeiramente abordaremos o processo dessas instituições na Europa e Estados Unidos. Lá se originaram as creches e escolas maternas e o jardim de infância que se preocupavam com o cuidar e também com o fazer pedagógico:

Este posicionamento derruba o discurso de que, na sua origem, essas instituições tiveram, apenas uma função assistencialista, diferenciando-se de outros estabelecimentos, como por exemplo, os jardins de infância, que, já na sua criação, apresentavam um trabalho voltado não só para os cuidados infantis, mas para um trabalho eminentemente pedagógico (PASCHOAL; MACHADO, 2009, p. 79).

Com a mudança da época feudal para a era capitalista, houve uma reorganização na estrutura familiar. Com o avanço da industrialização e, conseqüentemente, a entrada da mulher no mercado de trabalho, surge também a necessidade de se ter um local onde deixar os bebês para as mães trabalharem.

Nessa época, não havia um espaço de fato organizado para atender essas crianças. Então, buscou-se criar um lugar onde não se tinha a preocupação com o fazer pedagógico, mas ensinavam as crianças a memorizar rezas e cânticos, hábitos comportamentais, regras morais etc.

Inicialmente, as mães que trabalhavam nas fábricas deixavam seus filhos com as chamadas “mães mercenárias”, que, na verdade, vendiam seus serviços para abrigar e cuidar dos filhos de outras mulheres, e isso sem dominar o total preparo para lidar com as crianças. O espaço também não era adequado para comportar um número maior de crianças e acarretava sérias preocupações no cuidado delas, aumentando os riscos de maus tratos e acarretando na mortalidade infantil.

Rizzo (2003, apud PASCHOAL; MACHADO, 2009, p. 80) relata que:

[...] Mas aumentaram os riscos de maus tratos às crianças, reunidas em maior número, aos cuidados de uma única, e pobre e despreparada mulher. Tudo isso, aliado a pouca comida e higiene, gerou um quadro caótico de confusão,

que terminou no aumento de castigos e muita pancadaria, a fim de tornar as crianças mais sossegadas e passivas. Mais violência e mortalidade infantil.

As instituições na Europa e Estados Unidos atendiam as crianças das mães que trabalhavam nas fábricas. “[...] Sua origem e expansão como instituição de cuidados à criança estão associados a transformação da família, extensa para nuclear” (PASCHOAL; MACHADO, 2009, p. 80).

Em 1769, Oberlin, pastor na França, criou a “Escola de Principiantes” para as crianças de dois a seis anos de idade. Ele teve a ideia de criar essa escola de tricotar para cuidar das crianças, com ajuda das mães da comunidade, ensinando a ler a bíblia e fazer tricô. “[...] Nesses espaços, as crianças deveriam aprender diferentes habilidades, como adquirir hábitos de obediência, bondade, identificar as letras do alfabeto, pronunciar bem as palavras e assimilar noções de moral e religião” (PASCHOAL; MACHADO, 2009, p. 81).

No ano de 1816, Robert Owen, na Escócia, iniciou com as instituições que atendiam crianças de dezoito meses até vinte e cinco anos de idade. Lá, trabalhavam o raciocínio lógico, a dança e o canto. Eles operavam com material educativo e os professores também ensinavam os bons costumes.

O jardim de infância era somente pedagógico, não tinha muita preocupação com os cuidados físicos das crianças. Em 1840, em Blankenburgo, destacamos que não se preocupavam apenas no cuidar e educar, mas sim de transformação familiar, na qual mostravam que as famílias poderiam criar melhor seus filhos.

No Brasil, em meados do século XIX, foram criadas as creches com função assistencialista, o que as diferenciava das creches europeias e norte-americanas que eram de caráter pedagógico. O objetivo era amparar as mães viúvas e mulheres que trabalhavam fora de casa. Surgiu como forma de “[...] iniciativas de acolhimento aos órfãos abandonados [...]” (PASCHOAL; MACHADO, 2009, p. 82). Era uma forma assistencial e visavam a proteção e cuidado das crianças, na qual as viam como um ser totalmente dependente.

As instituições focavam em um público menos favorecido. A primeira criada para comportar essas crianças foi nomeada de “Roda dos Expostos”. Ela deu origem a esse nome porque as mães deixavam o seu bebê abandonado.

Paschoal e Machado (2009, p. 82) também relatam que:

Esse nome provém do dispositivo onde se colocavam os bebês abandonados e era composto por uma forma cilíndrica, dividida ao meio por uma divisória e fixado na janela da instituição ou das casas de misericórdia. Assim, a criança era colocada no tabuleiro pela mãe ou qualquer outra pessoa da família; essa, ao girar a roda, puxava uma corda para avisar a rodeira que um bebê acabava de ser abandonado, retirando-se do local e preservando sua identidade.

Depois da Roda dos Expostos, no final do século XIX, foram criadas algumas creches filantrópicas, ou seja, uma forma de ajudar as crianças mais pobres e as mães que não tinham onde deixar os seus filhos. Devido a criação dessas creches para ajudar as crianças de baixa renda, onde o intuito era de ajudar as mães que trabalhavam, os jardins de infância foram criados e defendidos pela sociedade para as camadas mais abastadas, pois consideravam proveitoso para o desenvolvimento infantil.

Em meados do final do século XX, o médico Arthur Moncorvo Filho criou o Instituto de Proteção à Infância do Rio de Janeiro. Esse tinha a finalidade não apenas de acolher as mães grávidas das classes pobres, mas de auxiliar os recém-nascidos. Houve também a criação do Instituto de Proteção e Assistência à Infância e a criação do Departamento da Criança, cujo intuito não era de controlar os atendimentos as crianças, mas, sim, de ajudar as mães que de forma optativa ajudavam a cuidar dos filhos das trabalhadoras. Com o progresso da industrialização, aumentou-se a procura das instituições.

No contexto dos anos de 1940, as mulheres trabalhadoras passaram a ter direitos a deixar seus filhos nas instituições, ganhando um olhar diferente. Naquele momento, ganhava força, também, a teoria da privação cultural, que era uma forma de suplantação das poucas condições sociais da criança, que se deu um modelo de educação compensatória.

Sobre isso, Kramer (2013) aborda que:

Os programas compensatórios derivam da idéia de que os pais não conseguem dar aos filhos (“carentes” culturalmente) a base para que tenham sucesso da escola e na sociedade. O pré-escolar, neste caso, constituiria uma forma de sobrepor as barreiras existentes entre as classes sociais. Atribui-se, assim, a esse nível, a função de realizar a mudança social, sem colocar em discussão a necessidade de modificação das condições de vida que determinam a carência material e cultural. A proposta de elaborar programas de educação pré-escolar no sentido de transformar a “sociedade no futuro” é uma maneira de responsabilizar o passado pela situação de

mudança. Fica-se, assim, isento de realizar ações significativas que visem a solucionar os problemas atuais (KRAMER, 2013, p. 55).

As instituições públicas acolhiam as faixas mais populares, com projetos pedagógicos que “[...] funcionavam em meio turno, dando ênfase à socialização e à preparação para o ensino regular” (PASCHOAL; MACHADO, 2009, p.84). Havia uma diferença entre o atendimento das crianças de classe alta para as crianças das camadas menos favorecidas. As crianças da classe popular tinham o acolhimento assistencial, enquanto as crianças de alta classe recebiam um melhor atendimento educativo.

Com isso, devido essa preocupação de atendimentos diferenciados por classe, começou a busca para melhoria dessas instituições. O movimento de luta pela ampliação da oferta de creches e pré-escolas no Brasil culminou com as mudanças contempladas na legislação brasileira, ocorridas a partir do final dos anos de 1980.

Na Constituição Federal de 1988, a criança foi reconhecida como sujeito de direitos. Dentre tais direitos garantidos está a educação, como está posto no artigo 208: “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: [...] IV - educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)” (BRASIL, 1988, p. 83).

Em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei nº 8.069/90 – reafirma o direito das crianças e em seu artigo 3º que explicita:

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (BRASIL, 1990, p. 1).

Com o Estatuto, surgiu o reconhecimento da particularidade infantil. Ou seja, começaram a enxergar a criança pelos seus sentimentos e suas particularidades que eram bem diferentes dos adultos. As crianças passaram a ser vistas como um ser social, assumindo um papel central nas relações familiares e na sociedade, tornando-se um ser de respeito, com características e necessidades próprias. Formou-se, assim, um conceito em que a criança começou a ser vista como sujeito com direitos a educação, do afeto, de ir e vir, de brincar, ou, em outras palavras, de ser criança.

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei nº 9.394/1996 insere a educação infantil como a primeira etapa da Educação Básica. Afirma em seu artigo 29 que essa “[...] tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, completando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996, p.10). Mas, no dia 4 de abril de 2013, com a nova Lei nº 12.796/2013, foi dada uma nova redação ao artigo supracitado, que afirma que as crianças de 0 (zero) até 5 (cinco) anos de idade tem direito educação infantil gratuita.

Dessa forma, as creches passaram a ser reconhecidas como instituições educativas, definindo-se que as instituições não somente cuidem das crianças, mas, também, apresentem uma intencionalidade pedagógica.

Entretanto, esse avanço na educação faz com que a criança tenha direito, pois a Educação Infantil passa a ser a primeira etapa da Educação Básica. Assim, promove-se a criança o conforto, a satisfação, o desenvolvimento físico, emocional e intelectual e gera novos experimentos.

Nos anos de 1994 a 1996, depois da aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente, o Ministério da Educação publicou alguns documentos significativos para a educação como a Política Nacional de Educação Infantil – um em 1994 e outra mais atual em 2006 – que gerou a possibilidade de melhoria dos serviços das instituições. Ela defendia a ampliação no atendimento nas creches para as crianças, e a formação e qualificação do profissional da Educação Infantil.

Em 1998, o Ministério da Educação criou o documento “Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil” (RCNEI). Esse visa a efetivação das práticas educativas nas creches e tem como objetivo a instrução de conteúdos e orientações para os profissionais da educação infantil, além de questões sobre atuação com as crianças.

De acordo com o RCNEI (1998a), os objetivos da Educação Infantil é: fazer com a que a criança se desenvolva descobrindo progressivamente seu corpo e seus limites; estabelecer vínculos com adultos e crianças; desenvolver uma imagem positiva de si, se tornando cada vez mais independente; ampliar suas possibilidades de comunicação; ter relações sociais; observar o ambiente com atitude de curiosidade; desenvolver atitudes de ajuda e colaboração; brincar; expor emoções; expressar ideias e utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a

compreender e ser compreendido e conhecer as culturas, respeitando, participando e valorizando a diversidade.

Para que esses objetivos sejam atingidos, o RCNEI propõe que as atividades não sejam somente de forma lúdica, mas, sim, brincadeiras com situações pedagógicas orientadas:

Na instituição de educação infantil, pode-se oferecer às crianças condições para as aprendizagens que ocorrem nas brincadeiras e aquelas advindas de situações pedagógicas intencionais ou aprendizagens orientadas pelos adultos. É importante ressaltar, porém, que essas aprendizagens, de natureza diversa, ocorrem de maneira integrada no processo de desenvolvimento infantil (BRASIL, 1998a, p. 23).

No ano de 1999, são elaboradas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Essa foi aprovada pelo Conselho Nacional de Educação e passa a ser obrigatório uma ordem pedagógica para a Educação Infantil nas instituições municipais e estaduais da educação:

[...] as Diretrizes Curriculares para a Formação de Professores da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, que também contribuiu para a melhoria de ambos os níveis de ensino ao discutir a relevância de uma formação altamente qualificada para esses professores (PASCHOAL; MACHADO, 2009, p. 87-88).

Em 2009, houve uma mudança nas Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil. Com a resolução CBE/CEB 5/2009, reconheceu-se a criança como sujeito de direitos e define-se o currículo e os eixos do currículo para a educação infantil, buscando sempre olhar e enxergar a criança, na busca de uma educação de qualidade.

Então, com as tentativas para a boa qualidade do ensino, no ano de 2001, foi aprovado o Plano Nacional de Educação (PNE) – Lei nº 10.172/2001. O PNE traz metas para a educação e algumas delas tem como objetivo a melhoria na qualidade da educação, uma boa formação dos professores e também garantir um bom plano educativo nas instituições de ensino. Essa Lei apresenta metas para todos os níveis de ensino, estendendo-se, assim, até 2010.

Em 2014, foi aprovado um novo Plano Nacional da Educação (PNE) – Lei nº 13.005/2014, com vigência até 2024. O PNE estabelece vinte metas, dentre elas, está a melhoria de qualidade da educação, a busca da valorização dos profissionais da

educação, que ainda é um dos maiores desafios, e também a eliminação do analfabetismo no país.

Diante das mudanças ocorridas na educação infantil, no próximo capítulo iremos caracterizar os bebês, como devem ser o espaço para eles e enfatizar as interações dos profissionais da Educação Infantil com esses sujeitos.

3 OS BEBÊS E SUAS INTERAÇÕES

Para começarmos a falar sobre bebês, iremos enfatizar que estamos falando de crianças de 0 (zero) a 18 (dezoito) meses. É nessa fase que a criança começa o primeiro contato com o mundo. Já nos primeiros anos de vida, a criança começa a se conhecer e a Educação Infantil é importante na formação inicial do bebê.

São atribuídos aos bebês o fato de serem sujeitos frágeis. Porém, eles são capazes de agir, de se movimentar e, desde o seu nascimento, eles já começam a interagir com o mundo. Desse modo,

Temos cada vez um maior conhecimento acerca da complexidade da sua herança genética, dos seus reflexos, das suas competências sensoriais e, para além das suas capacidades orgânicas, aprendemos que os bebês também são pessoas potentes no campo das relações sociais e da cognição (BARBOSA, 2010, p. 02).

Os bebês são diferentes um dos outros, cada um tem seu tempo de se comunicar. Cada um deles precisa de atenção e cuidado, pois ainda necessita desse “apoio” do adulto. Barbosa (2010) nos mostra que o adulto é, de fato, o principal ajudador. Consequentemente, atribui-se a ele a necessidade de um total acolhimento para os bebês. Afinal, como falamos no capítulo anterior, as mães ingressaram no mercado de trabalho e, com isso, foi importante a criação de creche para o apoio a essas famílias. Com isso,

A ausência da família ampliada, isto é, de avós, tios, irmãos morando próximo e ainda o envolvimento de muitos destes adultos no mundo do trabalho têm indicado a escola de educação infantil como o parceiro privilegiado para ser o suporte dos pais e das mães na tarefa de cuidar e educar as crianças pequenas (BARBOSA, 2010, p. 02).

Como percebe-se, o papel da Educação Infantil é importante para os bebês. Barbosa (2010) também fala que é a interação dos bebês com outras pessoas que ajuda na construção de suas identidades pessoais. Dessa maneira, ao longo deste capítulo, iremos abordar como acontecem essas interações. Antes, porém, trataremos dos espaços das creches que são adequados para a promoção das interações.

3.1 O ESPAÇO ADEQUADO PARA OS BEBÊS

Podemos começar a falar em berçário como um lugar de aconchego. Os bebês precisam desse espaço para se sentirem bem e confortáveis. Contudo, precisamos rever o espaço adequado para eles. Esse necessita ser aconchegante, com vários objetos, espelhos por toda parte e vários recursos para os bebês. Porém, se esse acesso for negado pelos profissionais, irá, conseqüentemente, dificultar a autonomia e independência dessas crianças.

Às vezes, nas creches, as salas de berçário são escondidas ou até mesmo a última a ser pensada. Como isso pode acontecer se é desde de “pequenino” que a Educação Infantil começa? Então, devemos ampliar os nossos olhares a esses espaços. Como já dito, tais locais devem ser espaçosos, pois sabemos que o número de crianças atendidas nessa faixa etária é enorme.

O berçário tem sua fundamental importância para a sociedade, pois é um lugar onde começará os primeiros estímulos dos bebês, o primeiro contato com o mundo, conhecer outras pessoas e, quem sabe, amigos irão realmente se descobrir. Afinal, o que os bebês mais gostam de fazer é se (re)descobrir. Coisas novas chamam sua atenção, pessoas novas, brinquedos novos... E, para isso, esse espaço deve ser o “melhor” da creche. O RCNEI (1998) nos orienta na importância das brincadeiras para as crianças quando afirma:

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais (BRASIL, 1998b, p. 22).

E se não tiver um espaço adequado e amplo para os bebês, como eles irão brincar? Sabemos que a brincadeira é primordial na Educação Infantil e que são nesses momentos lúdicos que os bebês interagem com o meio e com o social. Com isso, os espaços devem ser planejados com a intenção das crianças sempre brincarem, deixando que os façam quando desejarem. Por isso,

O espaço na instituição de educação infantil deve propiciar condições para que as crianças possam usufruí-lo em benefício do seu desenvolvimento e

aprendizagem. Para tanto, é preciso que o espaço seja versátil e permeável à sua ação, sujeito às modificações propostas pelas crianças e pelos professores em função das ações desenvolvidas (BRASIL, 1998a, p. 69).

Precisamos desvincular o fato de que o espaço estar cheios de brinquedos e bebês no chão é “bagunça”. Pelo contrário, quanto mais o bebê tiver esse livre acesso ao espaço, mais ele irá se desenvolver e interagir. Assim, os adultos precisam refletir um pouco sobre o que os bebês aprendem nessas “bagunças”. E é com isso que os bebês buscam suas interações com o meio.

Nesse sentido, precisamos repensar um pouco que profissional é esse que atua com as crianças. É sobre tal tema que trataremos a seguir.

3.2 OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Inicialmente, sabemos que o intuito das creches era “tomar conta” das crianças. Podemos dizer que não existia uma formação para esses profissionais, que ofereciam somente “[...] os cuidados básicos e primários, assim, mulheres sem nenhuma formação específica se empenhavam em desenvolver este trabalho” (SILVA, 2015, p.33). Mas, com o avanço da Educação Infantil, desde 1996, os profissionais da Educação Infantil fundamentalmente precisam ser formados em curso de graduação em Pedagogia, conforme preconiza a Lei nº 9.394/96:

A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação de pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional (BRASIL, 1996, p.25).

Após isso, descobriu-se que as crianças precisam de cuidados nessa faixa etária. Assim, cabe ao profissional rever a importância de uma graduação e uma formação continuada, buscando sempre aprender novas práticas. Cabe também ao educador saber que ele será professor polivalente na Educação Infantil, pois:

O trabalho direto com crianças pequenas exige que o professor tenha uma competência polivalente. Ser polivalente significa que ao professor cabe trabalhar com conteúdos de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento. Este caráter polivalente demanda, por sua vez, uma formação bastante ampla do profissional que deve tornar-se, ele também, um aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática,

debatendo com seus pares, dialogando com as famílias e a comunidade e buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolve. São instrumentos essenciais para a reflexão sobre a prática direta com as crianças a observação, o registro, o planejamento e a avaliação (BRASIL, 1998a, p. 41).

Pode parecer fácil o trabalho desse profissional, mas ele também precisa agir com ética, precisamente tratando todas as crianças de forma igual, sem que haja preferência por nenhuma. Caso contrário, poderia causar certa preferência e algumas crianças se sentirem rejeitas pelo educador.

Porém, alguns profissionais se sentem desvalorizados com sua profissão, principalmente focando em nosso tema berçário, pois precisam lidar com a higiene pessoal do bebê, que nessa fase a criança ainda é dependente dos cuidados dos adultos. Assim, essas ações de cuidado são consideradas como motivo de desvalorização dessa profissão, pois alguns relatam que estão no serviço de “babá”. No entanto, precisam se dar conta de que esse trabalho também é fundamental com os bebês, pois além de cuidar, estão educando as crianças. Nós vemos poucos profissionais nessa área, afinal, além da desvalorização profissional, também ocorre a desvalorização salarial.

Como dito, o profissional da Educação Infantil oferece mais do que o educar e o cuidar, ele oferece a sensibilidade para ouvir e entender a criança. A ferramenta de trabalho do profissional dessa área é a relação de interação com os bebês, como afirma Barbosa (2009):

Afinal, ao educar e cuidar de crianças pequenas, o professor não oferece apenas aquilo que sabe, mas também aquilo que é através das interações. A formação precisa integrar o desenvolvimento das sensibilidades e das capacidades intelectuais dos professores, pois eles são profissionais, como tantos outros, para os quais a relação é uma ferramenta de trabalho (BARBOSA, 2009, p. 37-38).

Barbosa (2009) ainda nos mostra que é primordial o profissional da Educação Infantil ser sensível e saber decifrar as linguagens do bebê, permitindo o estímulo até a sua própria autonomia.

O profissional da Educação Infantil precisa proporcionar as crianças e famílias um bom espaço para adaptação na instituição. Também devem organizar esse espaço, oferecer segurança para que todos se sintam protegidos, acompanhar o momento de repouso e proporcionar alimentação e higiene para essas crianças, ainda tendo outros objetivos para aqueles bebês que não dormem. Também devem fazer a

interação das crianças com os adultos da instituição e, acima de tudo, garantir a segurança em todo o espaço físico.

Diante disso, a responsabilidade do profissional na Educação Infantil é enorme, pois ele garante ao bebê o cuidar e a assistência educacional. Isso significa pensarmos como nós, educadores, iremos rever nossas práticas para garantir esse acesso ao bebê. O profissional tem a responsabilidade no desenvolvimento da criança e é na confiança que a criança irá sistematizar as suas experiências vividas no ambiente educacional e nortear suas atitudes.

3.3 A INTERAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL COM OS BEBÊS

O momento de interação de adultos com bebês precisa ser intensificado a cada dia mais no mundo da Educação Infantil. Podemos dizer que são nesses momentos que começa uma relação de respeito, confiança e afeto. São nos pequenos gestos, nas conversas, nos estímulos, nas observações e no cuidar que se tornará cada vez mais uma experiência satisfatória, tanto para o adulto conhecer o bebê, quanto para o bebê se sentir confiante com o educador.

As crianças irão construir vínculos com esses profissionais, pois irão vê-los todos os dias e passar um bom tempo com eles. Os bebês são sujeitos que precisam dessa interação com o outro e precisam se sentir confiantes, uma vez que

As crianças pequenas e os bebês são sujeitos que necessitam de atenção, proteção, alimentação, brincadeiras, higiene, escuta, afeto. O fato de serem simultaneamente frágeis e potentes em relação ao mundo, de serem biologicamente sociais, os torna reféns da interação, da presença efetiva do outro e, principalmente, do investimento afetivo dado pela confiança do outro (BARBOSA, 2009, p.23).

Cabe ao profissional tornar esse cuidado mais amplo, ajudando-o a compreender seu crescimento e desenvolvimento, tornando essa fase da criança satisfatória. Sobretudo, o profissional precisa estar atento, pois a instituição estabelece ao bebê o encontro com os demais, promovendo vários momentos de interação em diferentes espaços no dia-a-dia.

Sabe-se que essa relação é indispensável na Educação Infantil, pois não é um simples cuidado, isso vai muito além. O cuidar não é somente alimentar e higienizar,

envolve uma interação de afeto entre quem está cuidando e quem está sendo cuidado. O desenvolvimento do bebê pode ocorrer desde o simples ato de dar a mamadeira para a criança, basta o profissional saber lidar com a forma de fazer. Esses profissionais podem desenvolver nesses momentos, os valores, as condutas que os bebês irão seguir. Conforme o RCNEI,

No ato de alimentar ou trocar uma criança pequena não é só o cuidado com a alimentação e higiene que estão em jogo, mas a interação afetiva que envolve a situação. Ser carregado ao colo e, ao mesmo tempo, ter o seio ou mamadeira para mamar é uma experiência fundamental para o ser humano (BRASIL, 1998b, p.16)

Quando a adulto dá a mamadeira para o bebê, há uma relação, uma troca de dar e receber e, conseqüentemente, faz com que a criança crie um laço de confiança com o adulto e proporcione seu desenvolvimento, para que consiga estabelecer sua autoconfiança (BRASIL, 1998b).

Para cuidar precisa, além de tudo, estar no lugar do outro, se comprometendo, ser solidário. Com isso, a relação de vínculo vai depender de quem cuida. Com um simples olhar, o ouvir ou o tocar, a criança irá se sentir protegida.

As necessidades das crianças precisam ser entendidas. Quando observamos os bebês, por exemplo, sabemos quando eles estão sendo bem cuidados, basta olhar para a criança. É fundamental ouvir, cuidar e respeitar cada uma. O RCNEI (1998a) afirma que o alicerce do cuidado humano é saber ajudar o próximo a evoluir. É se colocar no lugar do outro e ajudar a se desenvolver, e mais ainda quando o outro é de fato dependente do seu cuidado. “[...] O cuidado é um ato em relação ao outro e a si próprio que possui uma dimensão expressiva e implica em procedimentos específicos” (BRASIL, 1998a, p. 24).

Isso implica dizer que o educador venha se interessar em saber o que a criança “sente, pensa, o que ela sabe sobre si e sobre o mundo” (BRASIL, 1998a, p. 25). Com isso, aos poucos, as crianças irão ser transformar em sujeitos independentes.

Nessa mesma expectativa, o educador precisa proporcionar as crianças uma educação que envolva aprendizagens lúdicas, mas com o intuito de desenvolver a criança, seja ele moral ou social. O RCNEI define claramente como deve ser o momento do educar na instituição:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis (BRASIL, 1998a, p.23).

A partir de tais perspectivas discutidas neste capítulo, iremos, na próxima etapa, especificar como esta pesquisa foi elaborada. Abordaremos os caminhos metodológicos para a realização da pesquisa e, em seguida, apresentaremos os resultados obtidos durante o processo de observação das interações dos profissionais com os bebês.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Esse trabalho foi desenvolvido baseado em uma pesquisa de natureza qualitativa, pois acreditamos que esse tipo de pesquisa foi a melhor forma de conseguir analisar os dados necessários para o desenvolvimento dos objetivos e a resolução do problema. Sobre isso, Godoy afirma que:

A pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados, envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (GODOY, 1995, p.58).

O trabalho desenvolveu-se através de uma pesquisa de campo, com observações das experiências, relacionando com os teóricos estudados no percurso da pesquisa, uma vez que as referências teóricas serviram como base para o desenvolvimento do trabalho. De acordo com Gil (2008), a realidade vivenciada no dia a dia das atividades, juntamente com a fundamentação teórica, é de grande importância para captar as explicações e interpretações das experiências.

A pesquisa foi realizada em um Centro de Referência em Educação Infantil (CREI) na cidade de João Pessoa, onde tive minha primeira experiência na disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Infantil no curso de Pedagogia.

As observações no CREI aconteceram no turno da manhã, das 07:00 horas até às 11:00 horas. Foram feitas 6 (seis) observações na sala do berçário, que aconteceram 2 (duas) vezes ou 3 (três) vezes na semana, e também 3 (três) visitas para apresentação da pesquisa e para a realização do questionário.

Os sujeitos da pesquisa foram as 5 (cinco) profissionais da Educação Infantil (profissionais sem formação docente, denominadas de berçaristas¹) e a turma de berçário observada foi a turma nomeada pela instituição de B1, com 22 (vinte e dois) bebês matriculados na faixa etária de 6 (seis) meses à 1 (um) ano e 5 (cinco) meses, utilizando nomes fictícios para nos referirmos a eles.

Na pesquisa, analisamos as interações dos profissionais da Educação Infantil com os bebês, observando o cotidiano do CREI e buscando identificar as situações

¹ Em nosso trabalho as berçaristas estão indicadas de I a V.

de interação e como ocorreram, efetuando registro através do uso frequente de Diário de Campo. O diário é

[...] um documento pessoal-profissional no qual o estudante [profissional] fundamenta o conhecimento teórico-prático, relacionando com a realidade vivenciada no cotidiano profissional, através do relato de suas experiências e sua participação na vida social (LEWGOY, SCAVONI. 2002, p.63).

Para o levantamento de informações diretas sobre as percepções dos profissionais sobre estas interações, fizemos o uso da aplicação de questionários a fim de estabelecer uma relação saber-ação dos profissionais nas situações de interação identificadas no berçário.

Para a realização da pesquisa, utilizamos os seguintes instrumentos: questionário de caracterização da instituição, questionário para os profissionais do CREI e diário de campo.

No desenvolvimento do trabalho, realizamos, primeiramente, a revisão de literatura sobre a temática para o maior aprofundamento do tema. Depois, comparecemos na Prefeitura de João Pessoa para pegarmos a solicitação de autorização da pesquisa. Em seguida, foram realizadas as visitas ao CREI, para a realização do questionário de caracterização da instituição (Anexo A), para conhecer o dia a dia da rotina do berçário e como se configura as interações dos profissionais com os bebês. Após as observações, aplicamos os questionários sobre como esses profissionais da área de Educação Infantil se relacionam e o que entendem sobre interação com os bebês. Antes da aplicação do questionário, as berçaristas assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido para a realização da pesquisa (Apêndice A). O questionário tinha duas partes: uma primeira parte com os dados gerais das berçaristas e uma segunda parte com questões abertas (Apêndice B). Por fim, foi feita a análise dos dados produzidos do campo de pesquisa, juntamente com os estudos realizados.

No capítulo seguinte, caracterizaremos o CREI onde foi realizada a pesquisa e apresentamos as análises a partir do referencial teórico.

5 ANÁLISES

5.1 CARACTERIZANDO A INSTITUIÇÃO

O Centro de Referência em Educação Infantil, onde foi realizada a pesquisa, localiza-se em João Pessoa no estado da Paraíba. O CREI funciona em horário integral. No seu espaço físico possui 1 (uma) sala de coordenação, 6 (seis) salas de atividades, 1 (uma) sala de reunião que funciona na coordenação, 1 (uma) biblioteca que na mesma sala funciona a sala multimídia, 1 (um) pátio coberto, 4 (quatro) solários, 2 (duas) cozinhas, 1 (um) lactário que fica dentro do berçário das crianças de 06 (seis) meses à 1 (um) ano e 6 (meses), 4 (quatro) banheiros para adultos, 1 (uma) secretaria na mesma sala de coordenação, 1 (uma) sala de vídeo, 1 (um) parquinho que não é muito adequado para as crianças – entretanto, no período da pesquisa, não vimos nenhuma criança brincando –, 4 (quatro) pátios descobertos, 1(um) refeitório bem espaçoso e 3 (três) banheiros grandes para crianças.

O CREI comporta 150 (cento e cinquenta) crianças separadas por faixa etária: de 6 (seis) meses a 1 (um) ano e 5 (cinco) meses na turma B1, de 1 (um) ano e 6 (seis) meses a 2 (dois) anos na turma B2, de 2 (dois) anos e 1 (mês) a 3 (três) anos na turma maternal 1, de 3 (três) a 4 (quatro) anos no maternal 2, de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos na turma pré-1 e a turma pré-2 de 5 (cinco) e 11 (onze) meses. Cada turma comporta o número de 25 crianças matriculadas.

Dentre essas turmas, uma sala foi escolhida para a análise desta pesquisa. A sala B1, das crianças de 6 (seis) meses a 1 (um) e 5 (cinco) meses, foi a turma alvo para a realização de nossas observações. A sala é composta por uma brinquedoteca, onde os bebês brincavam em alguns dias na parte da manhã. Continha alguns brinquedos: 3 (três) cavalinhos de balanço, almofadas e alguns brinquedos do tipo bolinhas coloridas, peças de encaixe coloridas e bonecas.

Figura 1 - Brinquedoteca

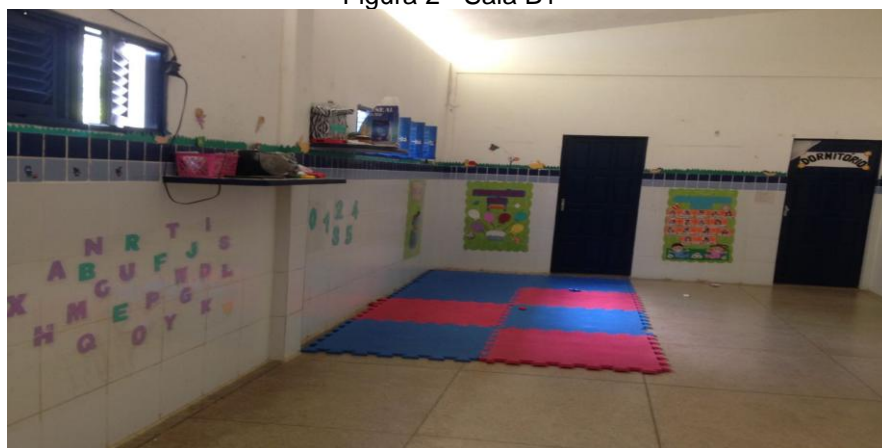


Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2017.

O espaço da sala é adequado para a quantidade dos bebês, mas não dispõe de muitos brinquedos para as crianças e também de espelhos, que nessa fase é essencial para o reconhecimento da criança, para cada um saber se identificar e diferenciar o outro. Podemos também perceber as janelas altas, onde as crianças não conseguem vislumbrar a paisagem de fora da sala.

O local onde os bebês passam boa parte do tempo tem tatames, chamada móvel que exibia o nome e a foto do bebê, quadro dos aniversariantes do mês, o cantinho da leitura e as letras do alfabeto e também números fixados na parede do espaço. Percebemos que os bebês sempre queriam tirar o adesivo da parede e eram repreendidos pelas profissionais.

Figura 2 - Sala B1



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2017.

O dormitório também é espaço para os bebês, onde eles podiam ficar no chão dependendo das posições dos berços. Contém 18 (dezoito) berços, prateleiras com

brinquedos em exposição, armários onde guardavam fraldas, utensílios e prateleiras para colocação das mochilas dos bebês.

Figura 3 - Dormitório



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2017.

A cozinha do berçário também se encontra no espaço da sala. As lactaristas e cozinheiras fazem nesse local toda alimentação dos bebês, tanto do B1 como do B2.

Figura 4 - Cozinha do Berçário



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2017.

O banheiro também faz parte do espaço da sala. Ele oferece banheiras, tanques com pisos antiderrapantes evitando que aconteça acidentes inesperáveis e um espaço para a troca do bebê.

Figura 5 - Banheiro do Berçário



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2017.

Depois de caracterizarmos o espaço do CREI e da sala do berçário, iremos abordar a equipe pedagógica da instituição.

A equipe docente da instituição é formada por 5 (cinco) professoras formadas em Pedagogia, que atuam nas salas do Maternal ao Pré III, também há 2 (duas) monitoras com Ensino Médio completo que auxiliam as professoras. A equipe também é formada por: 11 (onze) berçaristas sem formação docente que trabalham na sala do B1 e B2, dentre elas 3 (três) possuem Ensino Médio incompleto e 8 (oito) com Ensino Médio completo. A equipe administrativa é composta por: 1 (uma) supervisora com ensino superior com 7 anos de atuação na área, 1 (uma) gestora com ensino superior, mas não informou o tempo de atuação na área, 1 (uma) auxiliar de secretaria com ensino superior e com 3 (três) anos de atuação e 1 (uma) auxiliar de informática com ensino superior e 6 (seis) anos de atuação. E a equipe de técnica de apoio é composta por: 3 (três) lavadeiras com Ensino Médio completo, 2 (dois) lactaristas com Ensino Médio completo, 4 (quatro) agentes de limpeza com Ensino Médio completo, 1 (uma) auxiliar de serviços gerais com Ensino Médio completo e 1 (uma) cozinheira com Ensino Médio completo.

O CREI realiza reuniões pedagógicas para diagnosticar a realidade do educando e as características sociais e culturais da comunidade. Todos os professores são capacitados com formação exigida a educação infantil, atendem

crianças carentes da comunidade, geralmente filhos de pais separados, desempregados e a maioria que depende do bolsa família.

As relações sociais no espaço da instituição entre os gestores administrativos, docentes e técnicos pedagógicos é satisfatória, pois fazem reuniões com conversas sobre falhas e acertos, ajudando-os em equipe, fazendo que exista um bom relacionamento entre todos. O atendimento com os pais da comunidade é sempre procurando atendê-los da melhor forma possível, fazendo com que exista relações da instituição com a comunidade. O CREI acolhe as crianças com toda a dedicação e desempenho para contribuir com o desenvolvimento socioeducativo.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) foi elaborado com reuniões realizadas na instituição com toda a equipe pedagógica e administrativa. O planejamento na instituição é realizado quinzenalmente com a gestora e professores, com a finalidade de incluir sugestões e avaliar as que já estão sendo desenvolvidas.

A instituição realiza as avaliações do desenvolvimento das crianças de modo contínuo através de observações do desempenho das crianças e a sua participação nas atividades individuais e a sua socialização com as outras turmas e funcionários.

O CREI também tem parceria com a Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência (FUNAD), Programa Saúde da Família (PSF), Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e também com profissionais universitários com atividades relacionadas com a saúde, alimentação e educação.

5.2 AS PROFISSIONAIS E OS BEBÊS DO CREI

As profissionais do berçário apresentam a faixa etária de 31 (trinta e um) a 39 (trinta e nove) anos. As 5 (cinco) berçaristas² não possuem formação acadêmica profissional, 3 (três) tem Ensino Médio completo e 1 (um) Ensino Médio incompleto. O tempo de atuação no berçário varia entre 4 e 5 anos e todas foram contratadas para trabalhar na instituição. Durante a realização da pesquisa, não esteve nenhum professor titular no berçário.

² No dia em que foi feito o levantamento dos dados profissionais, somente 3 (três) berçaristas responderam. Voltamos no dia 26/10/2017 para fazermos o questionário com as outras berçaristas que tinha faltado, mas só uma estava presente. No fim, fizemos o questionário com 4 (quatro) berçaristas. Ao longo do trabalho iremos mostrar os resultados dos questionários.

Na realização da pesquisa, realizamos um questionário com as berçaristas com o objetivo de compreender as concepções das profissionais a respeito da vivência pedagógica no trabalho desenvolvido com a criança.

Questionadas sobre o que é interação, as berçaristas responderam: "Pra mim, é brincar com as crianças." (Berçarista I); "Se comunicar entre as pessoas, ou seja, se comunicar com eles." (Berçarista II); "Brincar, conversar, educar e amar. Dar muito carinho." (Berçarista III); "É interagir na minha área de trabalho." (Berçarista IV).

Podemos destacar nas respostas a falta de conhecimento das berçaristas no que realmente é interação. O fato também delas não terem uma formação pedagógica acarreta na falta de informações e de compreensão quando nos referimos na interação que elas precisam ter com as crianças. Todas que responderam essa questão nos perguntaram o que seria essa interação.

Indagadas sobre como acontece a relação com os bebês, as berçaristas responderam: "De forma participativa entre eles." (Berçarista I); "Simples, temos a relação como se fossem nossos filhos." (Berçarista II); "Começa ao receber as crianças, dando amor, atenção, carinho e acima de tudo ter muita responsabilidade." (Berçarista III); "A relação é como se fosse os meus filhos. Me dedico com amor e carinho com as crianças." (Berçarista IV).

As berçaristas II e IV nos mostra que a relação delas com os bebês é um relacionamento maternal e não pedagógico. A berçarista III coloca a responsabilidade como ponto chave na relação dela com os bebês e também a relação de afeto que as demais colocam em suas respostas.

Perguntadas sobre qual a parte do seu trabalho que você mais gosta, as berçaristas responderam: "Do carinho que passo para eles, e da mesma forma eles retribuem." (Berçarista I); "Quando estamos brincando em todo o tempo." (Berçarista II); "Eu gosto de todas, principalmente dar banho e comida." (Berçarista III); "A hora do banho com as crianças e também na hora da diversão com os brinquedos." (Berçarista IV).

Questionadas sobre os que elas mais gostam no seu trabalho, as berçaristas III e IV comentam que é na hora do banho das crianças. Essa hora é um momento de dependência da criança, no qual ela necessita da profissional para ser alimentada e também na higienização, conseqüentemente, isso pode acontecer vários momentos de interação entre elas. Para a berçarista I, o melhor momento para ela é o carinho

que ela recebe das crianças e o que ela oferece para eles, na verdade podemos destacar isso como uma troca de dar e receber.

Ao serem indagadas sobre qual a parte do seu trabalho que você acha mais difícil, elas responderam: "Quando eles chegam e não conhece a gente, é muito difícil." (Berçarista I); "Quando eles chegam pela manhã." (Berçarista II); "A fase deles se adaptarem." (Berçarista III); "A parte do almoço, porque eles ficam muito inquietos e agitados para comer." (Berçarista IV).

As berçaristas I e III falam que a parte mais difícil é a adaptação deles. Uma fase inicial que acontece no primeiro contato com elas na instituição. Elas sempre nos relatavam nas observações que a fase deles se acostumarem com o ambiente e com elas era bem trabalhoso, pois as crianças choravam muito e elas ficam apreensivas sem saber o que fazer de fato. Já as berçaristas II e IV relatam dois fatos que acontecem no dia a dia do berçário, ou seja, todos os dias a berçarista II fala que a chegada deles pela manhã é bem complicada para ela. E a berçarista IV nos relata que a hora do almoço é difícil, pois as crianças ficam agitadas e inquietas naquele momento, diferente da berçarista III, que acima relata que é um dos momentos que ela mais gosta.

Ao serem questionadas sobre o que você faz para reverter a dificuldade e tornar seu trabalho mais proveitoso, as berçaristas responderam: "Tento manter a calma e equilíbrio. Ser mais amorosa possível." (Berçarista I); "Entretendo eles com brincadeiras." (Berçarista II); "Brincar com eles e dar muito amor, atenção e carinho." (Berçarista III); "Sempre manter a calma. Na hora do estresse, saio um pouco para respirar fora da sala." (Berçarista IV).

As berçaristas II e III melhoram as situações tentando sempre brincar com eles. A III também dá atenção e carinho para que as crianças venham se sentir confortáveis e confiantes com ela. A II e a IV tentam ficar calmas na situação de dificuldade, mas a IV mostra claramente que quando o problema acontece ela sai da sala para respirar e tentar ficar mais tranquila naquela situação.

Diante de todas essas respostas, evidenciamos falta de entendimento das berçaristas sobre a relação do que é interação com os bebês. As respostas curtas e com poucos detalhes também frisam a formação insuficiente que não tiveram ao longo do tempo.

Destacaremos agora os bebês do berçário. Eles apresentam a faixa etária de 6 (seis) meses a 1 (um) e 5 (cinco) meses. Em 2017, estão matriculados 22 (vinte e

dois) bebês. No tempo que passamos na pesquisa, não chegou a ter esse total de crianças, o máximo que pudemos ver foram 18 (dezoito) bebês.

5.3 AS INTERAÇÕES

Iremos abordar as interações ocorridas no tempo de pesquisa, mas colocamos em evidência 3 (três) eixos das interações: interação profissional-criança; interação criança-criança e interação criança-pesquisadora.

O primeiro eixo que iremos analisar é a interação profissional-criança. Em nosso referencial teórico, destacamos o quanto o profissional é responsável para a interação do bebê, pois esse precisa deixar a criança se conhecer e conhecer o mundo. Retirando isso da criança, não será possível esse total conhecimento.

Sobre o primeiro eixo destacamos os trechos expostos no Diário de campo:

Benito se encontra no colo da berçarista I e ele quer se levantar, mas a berçarista I o repreende e diz: “Você fica aqui, porque você é muito amado”, ela olha para a berçarista II e diz: “O mais amado” rindo. E continua falando para o menino: “Você fica arengando com seus amigos” (Diário de campo, 27/09/2017).

Bruno está brincando na brinquedoteca com o cavalinho de balanço e Bóris tenta se aproximar de Bruno, mas a berçarista I vê e tira Bóris de perto (Diário de campo, 29/09/2017).

Bernadete e Benito estão de berços juntos hoje. Eles estavam tentando contato um com o outro. Bernadete tenta encostar o braço dela em Benito. A berçarista III percebe e faz: “Ave Maria, cuidado aí! Sua mão aí, Bernadete, não dá”. Então, ela (a berçarista) afasta o berço de Bernadete (Diário de campo, 29/09/2017).

Belinda vai até Bruna, para ver o porquê Bruna estava chorando e a berçarista III pede para que Belinda saia de perto de Bruna (Diário de campo, 27/09/2017).

Benito vê um lençol pendurado no berço de Bárbara. Benito pega o lençol e sai andando pela sala. Breno vê e pisa em cima do lençol na parte que estava no chão. Benito solta o lençol e Breno pega e sai correndo pela sala. Benito vai atrás dele. A berçarista II vê e pega o lençol das mãos de Breno e guarda (Diário de campo, 05/10/2017).

Breno e Benito estão segurando o mesmo brinquedo. Breno grita e tenta chorar e a berçarista III vê e pega o brinquedo deles. Ela fala para Breno sair e diz: “Vocês nunca foram unidos”. Ela (a berçarista) pega o brinquedo que eles estavam (Diário de campo, 04/10/2017).

Podemos perceber em alguns relatos acima certa proibição das berçaristas quando as crianças querem interagir uma com a outra. O fato que mais evidenciamos

foi o medo das berçaristas em relação de uma criança querer morder ou bater na outra. Por isso, elas não deixavam as crianças interagirem muito entre elas.

Acontece no mesmo caso que Benito quer sair do colo da berçarista II e é segurado e repreendido por ela. Pois a berçarista mesmo diz à criança que ele queria sair para brigar com os amigos.

As berçaristas sempre impedem esse contato entre as crianças. No trecho três, vemos que Bóris tenta se aproximar de Bruno que está no cavalinho na brinquedoteca, mas quando a berçarista percebe, ela tira Bóris de perto. Isso acontece porque as berçaristas ficam preocupadas com o que acontecerá se deixarem as crianças interagirem.

No mesmo caso onde ocorre a interação entre Bernadete e Benito, no trecho cinco. Bernadete tenta uma aproximação com Benito, mas rapidamente a berçarista percebe e fala para a menina tirar o braço dela de perto de Benito e ainda afasta o berço, impedindo o contato entre eles. No tempo que observamos, as berçaristas sempre tentavam afastar Benito de perto das outras crianças, pois como ele era o mais velho da sala, elas tinham medo que Benito mordesse ou batesse nas outras crianças.

Outro ponto também observado foi a questão do berço como forma de “punição”. A maioria das vezes as crianças ficam no berço quando faziam algo que as berçaristas achavam errado ou quando elas queriam se preocupar menos com as crianças nos momentos que elas ficam no chão, e também quando elas não queriam ficar com os bebês no braço, pois muitas relataram que se ficassem muito tempo com as crianças no colo deixariam elas cheias de “manha”. Vejamos a seguir:

Todos nesse momento estão no chão, menos Bartolomeu, que está no berço olhando para as crianças enquanto elas brincam (Diário de campo, 27/09/2017).

Benito está chorando muito, a berçarista II que estava ajeitando o ar condicionado da sala vai até Benito e diz: “Você vai chorar até cansar, porque não pode ir para o chão” e sai deixando o menino chorando no berço (Diário de campo, 29/09/2017).

A berçarista IV que estava com Bianca nos braços coloca a menina no berço, e Bianca já começa a chorar, a berçarista fala: “- Neném gosta muito de ficar no colo, não pode!” (Diário de campo, 22/09/2017).

Bento está no berço chorando, a berçarista III vai até o berço dele e fala: “Bento só quer estar no braço, não pode! É muita criança” (Diário de campo, 05/10/2017).

As berçaristas I, II, III e IV saem para tomar café e só a berçarista V que fica na sala. As crianças nesse momento estão no chão e quando percebem que

as berçaristas saíram começam a chorar muito. A berçarista que está sozinha coloca todas as crianças de volta para o berço (Diário de campo, 22/09/2017).

Percebi que Bárbara estava comendo biscoito e deixou cair um pedacinho de bolacha no chão, Barnabé vê o pedaço do biscoito e pega do chão. Lembro que Barnabé não pode comer biscoito de leite, olho para a berçarista II e aviso: "Olha, é Barnabé que não pode comer biscoito de leite?" A berçarista II fala: "É sim!" Mostrei para ela que Barnabé tinha colocado na boca o biscoito. Ela vai até ele e tira a bolacha da boca de Barnabé. Nisso, ela vê que Bárbara ainda estava comendo biscoito e que estava perto de Barnabé. Então ela pega Bárbara e coloca a menina no berço para terminar de comer lá (Diário de campo, 18/09/2017).

Cheguei hoje às 07:23, todos estavam no berço, menos Bianca que estava nos braços da berçarista II que acaba de sair com a menina da sala. Bernadete começa a chorar e a berçarista I fala: "Bernadete, não precisa disso né? Mas é manhosa" (Diário de campo, 29/09/2017).

Amorim (2011) nos mostra que os berços são marcas registradas dos berçários. Na hora de dormir, o berço é essencial, mas percebemos também que os berços fazem um papel de impedir a criança de interagir. Diante disso, de fato,

O berço significa a proteção e o aconchego na hora de dormir, mas também pode significar um espaço que delimita as possibilidades de desenvolvimento das crianças. Berço foi feito para colocar a criança para dormir e não para que ela passe o dia inteiro dentro nele. Se elas passam quase todo o dia no berço, como podem engatinhar, subir, descer e explorar o ambiente (AMORIM, 2011, p. 295).

No trecho dois citado, observamos Benito chorando para sair do berço. A berçarista sabe que o menino naquele momento queria sair do berço, mas de forma ríspida ela responde ao menino, negando a retirada dele do berço. Amorim (2011) comenta que os bebês quando já andam e são colocados nos berços, para eles é como uma barreira para uma interação com o outro, consequentemente, irão acontecer choros e reclamações.

Diante das observações feitas, podemos colocar em destaque momentos de interações entre as profissionais com os bebês. Vejamos a seguir:

A berçarista II coloca Bianca no berço e a ela começa a chorar. A berçarista olha para Bianca e diz: "Bianca, não precisa chorar, porque Bianca está tomada banho, trocadinha, de barriga cheia, não precisa chorar, viu? Deite para você tirar aquele seu soninho". Bianca deita no berço e para de chorar (Diário de campo, 27/09/2017).

A berçarista I vai até o berço de Benito que chora e diz: "Vamos cantar uma musiquinha?" A berçarista I olha para a janela e vê que está chovendo e mostra a chuva para Benito e diz: "Olha, Benito, a chuva! E Benito olha para a janela. A berçarista I pega o boneco do Patatí e mostrar para Benito e faz voz de criança como se o boneco falasse com o menino e diz: "Vou ali falar

com Bela” (nesse mesmo momento Bela estava chorando). Ela chega perto de Bela com o boneco e diz: “Oi, Belinha” e começa a brincar com a menina. E Bela para de chorar (Diário de campo, 27/09/2017).

Na brinquedoteca, Bruno estava chorando, brincando no cavalinho, mas a berçarista I já vai perguntando o que tinha acontecido e senta perto dele e começa a brincar com Bruno (Diário de campo, 22/09/2017).

A berçarista II liga o som para dançar com as crianças, Bela começa a bater palmas e a dançar, Bernadete e Brenda começam a dançar também. A berçarista II chama Breno que está deitado no tatame, o menino levanta e também começa a dançar (Diário de campo, 27/09/2017).

A berçarista I estava no berço de Bento, balançando o menino para ele não chorar e se acalmar, e o menino que estava sendo balançado no berço para de chorar (Diário de campo, 05/10/2017).

A berçarista III pega Bela que estava no berço e coloca-a no chão. Pega na mão dela e começa a cantar uma música de cantiga de roda “atirei o pau no gato”, Brenda começa a sorrir, quando acaba a música a berçarista III dá um abraço em Brenda e deixa a menina ficar andando na sala (Diário de campo, 22/09/2017).

Bianca está sentada no tatame, ela começa a chorar, a berçarista III não demora e pega a menina e diz: “O que foi minha flor?” Dá um beijo nela, e a menina para de chorar (Diário de campo, 27/09/2017).

No primeiro trecho abordado, podemos destacar a interação da berçarista com Bianca. A berçarista coloca-a no berço e a menina começa a chorar, mas o fato é que a berçarista não deixa Bianca chorando sem acalmá-la, e, sim, conversa com ela, tentando aquietá-la. O mesmo acontece no último trecho, quando Bianca está sentada no tatame e começa a chorar, a berçarista III já se direciona a ela. Barbosa e Richter (2009) explicam a necessidade do adulto nessa fase de respostas para os bebês. Pois, exatamente, a menina para de chorar no mesmo instante em que a berçarista conversa, olha para ela e tenta acalmá-la. O fato é que

Nessa perspectiva, as linguagens são apreendidas pelas crianças muito cedo nas interações que estabelecem com outras crianças e adultos. Além disso, as pessoas importantes para elas constantemente as incluem – olhando em sua direção, esperando respostas, fazendo gestos e olhares específicos. Considerando que a criança se constitui apropriando-se de uma humanidade que lhe é “exterior”, é necessária a mediação do outro (BARBOSA; RICHTER, 2009, p.87).

O mesmo ocorre com Bento, quando ele está no berço e chora. Mas a presença do adulto, enquanto acalenta o menino, ajuda a Bento se sentir seguro e confortável, fazendo, assim, com que ele não venha a chorar mais. É nesse momento que o adulto precisa intervir para que a criança se sinta protegida.

No trecho três, quando Bruno está sozinho na brinquedoteca brincando com o cavalinho e começa a chorar, rapidamente a berçarista I já interage com ele. Ela já se aproxima e pergunta o que estava acontecendo com o menino e começa a brincar com ele. Nessa fase, podemos identificar a importância também do adulto. Nessa perspectiva, podemos pensar que Bruno queria atenção de alguém? Pois na mesma hora que Bruno foi respondido com atenção, ele para de chorar. O adulto precisa saber o que a criança sente e quer naquele momento, basta o olhar e conhecer o bebê que, conseqüentemente, irá saber.

Barbosa (2008) expõe a importância das relações interpessoais para o bebê, pois o mesmo precisa desse gesto do adulto. De fato,

As relações interpessoais são para as crianças pequenas fontes fundamentais para a sua existência tanto física como mental. É impossível para um bebê sobreviver sem o afeto, o gesto, o olhar de um adulto disponível para cuidá-lo. Afinal a nossa condição humana surge no modo como nos relacionamos uns com os outros e com o mundo (BARBOSA, 2008, p. 2).

Barbosa (2008) ainda explicita como é essencial esse momento de interação com o outro, pois os diálogos, sejam eles verbais ou gestuais, “fazem parte do processo que nos torna seres humanos ou sujeitos com vontade, com capacidade de raciocínio e imaginação” (BARBOSA, 2008, p. 2).

No último trecho destacado, vemos o contato da berçarista III com Bela, o ato do abraço é muito importante nessa fase. A criança é um sujeito que necessita do abraço para sentir o outro. Barbosa (2008) enfatiza que o abraço é um sinal de confiança com o outro, que nesse momento a criança se sentirá confiável e amada naquele lugar. E no tempo em que ficamos observando o berçário, vimos muitos momentos como esse. Não somente das berçaristas, mas também de carinhos e afetos entre crianças-crianças. Essa será a próxima interação que iremos analisar.

A relação criança-criança na Educação Infantil é uma relação de coletividade. Barbosa (2010) nos ensina que os bebês sempre procuram um ao outro, seja ele no toque, no olhar e até no balbuciar.

A importância da “ação pedagógica na turma de bebês deve favorecer o encontro entre eles em diferentes espaços e momentos do dia” (BARBOSA, 2010, p.6). Vejamos os trechos a seguir:

Voltando para a sala, percebo que em seu berço Bárbara tinha duas bolas de sopro vermelhas, onde Breno e Benito, que estavam andando no chão, também queriam essas bolas. Bárbara já estava de olho que os meninos

estavam de olhos em suas bolas. Benito e Breno tentavam pegar a bola, colocando seus braços dentro do berço, e Bárbara sempre afastava a bola. E ela pegava as bolas com o ar de que era dela. Breno e Benito então saíram de perto e foram andar mais um pouco entre os berços. Mas, de repente, Bárbara estoura a bola e quando chama atenção de Breno e Benito novamente, os dois voltam até Bárbara para tentar ver se conseguem as bolas. A berçarista I pede para que eu vá no berço de Bárbara para que eu veja se ficou algum pedaço da bola, fui até o berço de Bárbara e peço a ela a bola seca, ela me dá e eu guardo no bolso. Enquanto isso, as outras crianças estavam deitadas e outras querendo cochilar um pouco. Breno ainda tentando pegar a bola de Bárbara, que se vira e encontra Bernadete que está deitada no seu berço. Breno pega a chupeta que estava dentro do berço de Bernadete e entrega na boca dela (Diário de campo, 18/09/2017).

Breno, Benito, Bárbara e Bernadete pegam na mão um do outro e começam a girar e andar pelo berçário (Diário de campo, 18/09/2017).

Nesse momento, Belinda, Bruno e Bianca estão no chão com as berçaristas I, III e V. Bruno estava com um pino de boliche colorido de plástico na mão brincando. Belinda percebe que ele está com o brinquedo e começa a chegar perto de Bruno para tentar pegar o pino de boliche. Então, consegue pegar e, em seguida, sai de perto de Bruno (Diário de campo, 22/09/2017).

Bartolomeu está se balançando na almofada na brinquedoteca e Bruna percebe. A menina vai até ele e tenta sentar na mesma almofada. Bartolomeu começa a pular e Bruna faz o mesmo. Os dois ficam brincando na almofada (Diário de campo, 22/09/2017).

A berçarista II canta a música “atirei o pau no gato” para as crianças que estavam no chão. Bernadete pega na mão de Bárbara. Bernadete não vê muito sucesso, pois Bárbara sai e Bernadete vai atrás dela, fazendo com que a menina brincasse com ela (Diário de campo, 22/09/2017).

Bela corre com um pino de boliche na mão para o canto da sala e fica na brecha entre a parede e o berço escondida. Belinda, que também estava com um pino na mão, vai atrás de Bela. Bárbara percebe as duas e tenta ir também ao encontro delas, mas Bárbara foi chamada atenção com Babi comendo bolacha e fica parada olhando para a menina (Diário de campo, 29/09/2017).

Bela corre para a brecha entre o berço e a parede e fica lá. Bruna engatilha até chegar perto de Bela. As duas se encontram e começam a rir, brincar, se alisar e depois Bela sai (Diário de campo, 29/09/2017).

Bárbara e Branca pegam na mão e ficam rodando pela sala. Depois de um tempo, elas caem no chão. Bárbara solta a mão de Branca. Branca sai correndo atrás de Bárbara. Bárbara senta no chão e Branca pega na mão dela levantando a menina para dançar. Elas param, Branca deita e Bárbara faz o mesmo. Branca se levanta e balança Bárbara como se ela tivesse dormindo (Diário de campo, 05/10/2017).

Vemos, nos determinados trechos citados, uma forte interação entre as crianças. No primeiro trecho, um destaque é na relação entre Breno e Benito, os dois querem o mesmo objeto (bola de sopro) e tentam encontrar uma estratégia para a busca do objeto. Mas Bárbara, a dona da bola, percebe essa procura e não deixa que os meninos conquistem o que desejam. O fato que vemos é a interação dos dois

meninos que articulam como iriam pegar a bola de Bárbara. Isso faz com que os dois construam um laço de amizade e criem táticas para atingir o alvo.

Em todos os relatos, vemos uma interação entre as crianças, sejam eles de afeto, de interesses nos mesmos objetos, na repetição do que o outro está fazendo, nos sons que fazem para chamar atenção do outro. Isso tudo envolve o cotidiano dos bebês, são relações de espontaneidade das crianças, quando querem interagir com o outro.

No mais, nós não poderíamos deixar de destacar as interações acontecidas com a pesquisadora. Por mais que queríamos ficar recatadas sem atrapalhar o desenvolvimento do berçário e também não constranger as berçaristas, foi difícil não manter o contato com as crianças. Algumas queriam brincar, sentar no colo e interagir conosco. Observemos a seguir:

Benito olha para mim e aponta para Brenda que estava comendo, olho para ele e digo: “Daqui a pouco é a sua vez tá?”. Benito sorri, fica todo encabulado e vira o rosto (Diário de campo, 22/09/2017).

Bárbara percebe que estou encostada no berço dela. Ela vem até a mim e encosta a mão no meu caderno, olha para mim, sorri e vai para o outro lado do berço (Diário de campo, 22/09/2017).

Breno, sem querer, bate o pé no berço e cai. Ele fica com uma cara de choro, mas se levanta e olha para mim e para a berçarista II que estava ao meu lado. Eu falo para ele: “Vai, Breno, continua!” Ele fica me olhando, não chora e vai brincar (Diário de campo, 22/09/2017).

Bárbara vem até a mim com umas peças de encaixe. Deixo meu caderno de lado para ficar brincando com ela. Bárbara me olha e entrega três peças para eu encaixa-las. Breno, Bernadete, Bóris e Bela se juntam até nós. Bárbara ainda estava atrás de outras peças do brinquedo. Pedi para que Breno fosse atrás das peças, para ajudar Bárbara a procurar. Bárbara vem com outra peça na mão. Com isso, todos estavam do meu lado querendo pegar no brinquedo. Tiro e dou a cada um uma peça de encaixe do brinquedo. Quando vejo, Breno vem com outras peças para eu encaixar. Bernadete e Bela também estavam me entregando outras peças, mas de um brinquedo diferente. Tentei dar atenção a todos, foi um pouco difícil, mas não impossível. Depois, saíram de perto de mim e Breno trouxe duas peças para eu encaixar. Tento fazer com que ele encaixe sozinho, ele fica tentando e eu explico a ele como é para encaixar as peças. E ficamos brincando (Diário de campo, 22/09/2017).

Sentei hoje perto do berço de Bernadete. Logo ela vê e se levanta, coloca a cabeça fora do berço para me observar. Olho para ela e toco na perna dela que estava para fora do berço e digo: “Você me viu, né?”. Ela sorri e senta no berço (Diário de campo, 27/09/2017).

Bela vem até a mim, eu fecho meu caderno e coloco-o no chão. Bela vai até o caderno pega e me entrega. Ela também vê o lápis que está no chão, pega e me entrega. Ela sorri para mim e sai (Diário de campo, 29/09/2017).

Bernadete vem até mim e deita no meu colo. Ela se levanta e senta nas minhas pernas. Bernadete coloca as suas mãos em meu rosto. Eu fecho os

olhos e ela tenta pegar neles abrindo os meus olhos. Quando eu abro os olhos ela fecha os dela. Eu tento pegar nos olhos dela, então Bernadete coloca as suas mãos em seus olhos para que eu não conseguisse abrir. E eu pergunto a ela: “Cadê os olhos de Bernadete?” Ela abre os olhos e pega nos meus olhos (Diário de campo, 04/10/2017).

O que chamou mais atenção em nossos momentos de interação com as crianças foi a bebê Bárbara. Quando ela dava as pecinhas de encaixe e nós encaixávamos, o sorriso da menina era de uma animação incrível. Quando devolvíamos o brinquedo todo encaixado, era uma felicidade única. O fato era que, quando sempre íamos para o local onde os bebês podiam ficar brincando, andando e serem livres, no momento em que Bárbara lembrava, ela pegava as pecinhas e ia entregar para montarmos juntas. Barbosa e Richter (2009) nos fala que

Os bebês e as crianças pequenas estão construindo suas primeiras aprendizagens e, em todas as situações aprendem: quando conversamos com eles e nos respondem com balbucios, quando trocamos suas fraldas eles nos auxiliam esticando as pernas. Todas as vivências são educadoras nessa faixa etária. A criança nasce inscrita em um código natural e sociocultural. Na interação com o outro, nas inúmeras possibilidades que o outro lhe aponta, ela imprime as marcas do humano e constrói sentidos nas linguagens. Sentidos intimamente vinculados ao ato de brincar [...] (BARBOSA; RICHTER, 2009, p. 91).

Isso nos fez pensar no quanto os bebês são espertos. Eles podem, sim, ter essa relação conosco, basta somente eles terem momentos e oportunidades de relação com os adultos, ou até mesmo com outras crianças.

Um caso apreensivo nas nossas observações foi quando ficamos de cara com Benício chorando desesperadamente. Benício era um menino novato que tinha se matriculado no começo do ano letivo, mas só chegou no CREI no início de novembro. No primeiro dia dele, que ocorreu de estarmos em dia de observação, ele estava chorando muito, apreensivo em estar no berçário. Não era de costume dele, não fazia parte da sua rotina. Vejamos o trecho a seguir:

Benício, que estava sentado no chão, começa a chorar muito. Ninguém pega ele. E eu estou no chão perto dele e chamo Benício para ficar perto de mim. Chamo atenção dele, mas ele continua a chorar. Então eu pego Benício nos braços, mas ele ainda continua chorando. Então me levanto do chão e ele tenta se acalmar aos poucos. Fico andando com Benício pela sala. Ando até o berço de Breno e o apresento para Benício. Nesse momento, aliso a cabeça de Breno e falo que Benício é o novo amigo da creche. Breno fica nos olhando. Benício se acalma mais. Ando novamente até o berço de Bárbara e mostro a menina a Benício (Diário de campo, 05/10/2017).

Nesse fato realmente ficamos impressionadas com as berçaristas. Elas não sabiam o que fazer com Benício, não interagiam mais com ele. Não queriam ficar com ele no colo ou fazer algo para acalmar o menino. Quando deparamos com essa cena, não nos contemos e não pensamos em outro caminho a não ser pegá-lo e acalmá-lo.

O cotidiano do berçário era aquela mesma rotina de sempre. Hora da acolhida, alimentação, higienização e de dormir. Os momentos que vimos de brincadeiras também eram muito repetitivos e sem planejamentos: colocavam eles na brinquedoteca para brincar com os cavalinhos que às vezes eram retirados para que não houvesse a disputa entre as crianças. Às vezes colocavam para brincar na brinquedoteca com as almofadas, ou davam brinquedos que não estavam muito bem conservados e que quase não dava para todas as crianças, ou colocavam sempre a mesma música para as crianças dançarem.

As intervenções que aconteciam dos adultos com os bebês, a maioria das vezes, era para dizer que não podiam fazer aquela determinada ação, ou brigar e afastar uma criança perto da outra, assim acontecendo o impedimento do desenvolvimento de interação delas.

O que observamos durante a pesquisa foi a falta de um planejamento para o berçário. Era um cotidiano sem muitas ações pedagógicas para os bebês. Não vimos em nenhum momento a ida dos bebês para o banho de sol. Quando observamos a rotina do berçário, as 08:00 horas da manhã teria atividade ao ar livre e o banho de sol.

Figura 6 - Rotina do berçário

ROTINA DE ATIVIDADES	
Berçário	
HORÁRIO	ROTINA
7:00 h	Recepção dos bebês, higiene e troca de roupas
7:30 h	Mamadeira e/ou café da manhã
8:00 h	Atividade ao ar livre e banho de sol
8:30 h	Estimulação e/ou brincadeiras (contação) de histórias, músicas e/ou brinquedos)
9:00 h	Mamadeira ou suco
10:00 h	Banho
10:30 h	Almoço
11:30 h	Repouso (cantigas de ninar e/ou clássicas)
14:00 h	Lanche (mamadeira ou suco)
14:30 h	Brincadeiras e estimulação (atividades de artes: pintura, colagem e/ou rabiscos)
15:30 h	Banho
16:00 h	Jantar
16:30 h	Contação de história e/ou cantigas de roda
16:45 h	Troca de roupa e preparo para a saída
17:00 h	Conversa com os pais e entrega das crianças

Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2017.

Podemos analisar que a ida dos bebês para tomar banho de sol seria um momento ideal de interações com os adultos e com as crianças entre si. Também

seria um momento rico que favoreceria o desenvolvimento, o conhecimento da natureza e do mundo. Barbosa e Richter (2009) falam da importância da ação pedagógica e que isso acarreta principalmente nos planejamentos e na disposição do educador. Elas relatam que:

A criação de espaços pedagógicos, de materiais e a construção de ações educativas que desafiem e contribuam para o desenvolvimento das crianças exigem preparo e disponibilidade das professoras (BARBOSA; RICHTER, 2009, p. 91).

Desse modo, compreendemos que o educador precisa rever suas práticas e ampliar os olhares a uma educação que venha contribuir para o desenvolvimento da criança. Com isso, precisará de uma formação contínua e sempre aprender novas possibilidades para tornar-se um trabalho satisfatório e rico de aprendizados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos compreender como ocorreram as interações dos adultos com os bebês em um berçário de um CREI em João Pessoa/PB. Surgiu o interesse na pesquisa quando fizemos o Estágio Supervisionado, no curso de Pedagogia, onde tivemos o nosso primeiro contato com os bebês. Diante disso, tal pesquisa nos trouxe a curiosidade de como era o cotidiano do berçário e como acontecia essa relação das berçaristas com os bebês matriculados no CREI.

Primeiramente, contextualizamos a história da Educação Infantil e os avanços alcançados ao longo do tempo. Vimos como originaram-se as instituições, creches e jardins de infância, devido a entrada da mulher no mercado de trabalho. Discutimos também como a criança, em 1988, obteve sua garantia de direitos e dentre eles o da educação e, conseqüentemente, houve as melhorias na Educação Infantil.

Explicamos que os bebês são crianças de 0 (zero) a 18 (dezoito) meses e que precisam dessa interação com o mundo e com os adultos para o seu desenvolvimento, na qual a Educação Infantil é essencial para a formação inicial do bebê. Diante disso, especificamos que nas instituições o espaço para eles precisa proporcionar um ambiente que ajude nessas interações, tanto com o adulto, quanto com as outras crianças.

Buscamos definir também os profissionais da Educação Infantil, que, conseqüentemente, precisam de uma formação qualificada e, assim, uma formação continuada para que se venha sempre conseguir novos aprendizados e como deve ser o trabalho pedagógico no berçário, pois o bebê irá criar um elo com esse profissional.

Para iniciar a pesquisa, mostramos como foi feita a metodologia deste trabalho. Seguimos em uma pesquisa de campo, com observações e sempre com o uso do Diário de Campo, para conseguirmos analisar as interações ocorridas no dia a dia do berçário e para chegarmos nos resultados das análises da pesquisa.

Concluimos que, no tempo da pesquisa, percebemos as dificuldades encontradas na Educação Infantil, devido a falta dos conhecimentos pedagógicos das berçaristas.

Percebemos também que há uma urgência na formação para a Educação Infantil, e ainda quando se trata de bebês. Precisamos parar para pensar que os bebês

necessitam de uma educação de qualidade e não serem sujeitos de uma educação insatisfatória. Os bebês são sujeitos de direitos que têm a necessidade de uma educação de qualidade como qualquer outro. É indispensável uma boa formação nessa fase inicial da criança.

Este trabalho foi muito importante para sabermos como a Educação Infantil quando se trata de berçário, está cada vez mais precisando de profissionais qualificados e que se sintam lisonjeados trabalhando nessa área da educação.

Constatamos que essa pesquisa foi fundamental para a nossa formação, pois ampliou nossos olhares para o que seria o cotidiano de um berçário e como acontece as interações dos profissionais com as crianças.

Pretendemos dar continuidade a essa pesquisa, pois destacamos a falta de entendimento das profissionais do CREI, como relatamos. Elas precisam de uma formação pedagógica e também uma formação continuada para sempre estar em busca de experimentos novos, pois essas profissionais são agentes de transformações.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Ana Luisa Nogueira de. **Sobre educar na creche**: É possível pensar em currículo para crianças de zero a três anos? João Pessoa: UFPB, 2011. Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/4727/1/ArquivoTotalAna.pdf>>. Acesso: 26 de out. 2017.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; RICHTER, Sandra Regina Simonis. Os Bebês Interrogam Currículo: As múltiplas linguagens na creche. In: **Anais do 17º Congresso de Leitura do Brasil**. Campinas: UNICAMP, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/1605/900>>. Acesso em: 25 de out. 2017.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Práticas cotidianas na educação infantil - Bases para a reflexão sobre as orientações curriculares**. Brasília: Ministério da Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf>. Acesso em: 25 de out. 2017.

_____. As Especificidades da Ação Pedagógica com os Bebês. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Consulta pública sobre orientações curriculares nacionais da Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEB/COEDI, 2010. Disponível em: <http://movec.amavi.org.br/sistemas/pagina/setores/educacao/freiavi/arquivos/2014/As_Especificidades_da_Acao_Pedagogica.pdf> Acesso em: 25 de out. 2017.

_____. A Prática Pedagógica no Berçário. In: **Encontro Nacional do MIEIB**, v. 23, 2008. Disponível em: <http://ns1.amavi.org.br/sistemas/pagina/setores/educacao/frieiavi/arquivos/maria_carmem_barbosa.pdf> Acesso em: 25 de out. 2017.

BRASIL. Presidência da República. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988, 305p.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Lei nº 9.394/1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF: Diário Oficial 23 de dez., 1996b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 17 de ago. 2017.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**: introdução, v. 1, Brasília: MEC/SEF, 1998a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf>. Acesso em: 17 de ago. 2017.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**: formação pessoal e social, v. 2, Brasília: MEC/SEF, 1998b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf>>. Acesso em: 17 de ago. 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades. In: **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

KRAMER, Sonia. Privação Cultural e Educação Compensatória: Uma análise crítica. **Cadernos de Pesquisa**, n. 42, p. 54-62, 2013. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/586.pdf>>. Acesso em: 25 de out. 2017.

LEWGOY, Alzira M^a. B.; SCAVONI, Maria Lucia. Supervisão em Serviço Social: A formação do olhar ampliado. In: **Revista Texto & Contextos**, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A História da Educação Infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.33, p. 78-95, mar., 2009.

SILVA, Ana Rúbia de Sousa. **O Trabalho pedagógico com os bebês na creche: Cuidar e educar no berçário**. Capivari: CNEC, 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A –TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Educador(a) _____

Esta pesquisa é sobre “AS INTERAÇÕES ENTRE BEBÊS E ADULTOS NO BERÇÁRIO DE UM CREI EM JOÃO PESSOA” que está sendo desenvolvida por Tamara de Lima Coutinho, estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Professora Dr^a Ana Luisa Nogueira de Amorim.

O objetivo do estudo é “Analisar a interação dos adultos com os bebês no berçário de um CREI em João Pessoa/PB.”

Solicitamos a sua colaboração para a realização da pesquisa respondendo a este questionário, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos e publicações da área de educação. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos previsíveis para a saúde dos envolvidos no estudo.

Esclarecemos que sua participação na pesquisa é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela Pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. A pesquisadora estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para a publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Nome completo do(a) participante: _____

Assinatura do(a) Participante da Pesquisa

RG: _____

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora responsável:

Tamara de Lima Coutinho - (83) 999396149

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
PESQUISA: AS INTERAÇÕES ENTRE BEBÊS E ADULTOS NO BERÇÁRIO DE UM
CREI EM JOÃO PESSOA
ESTUDANTE: TAMARA DE LIMA COUTINHO

QUESTIONÁRIO

PARTE I – Dados Gerais

1. Nome: _____
2. Idade: _____
3. Formação Acadêmica: _____
4. Instituição da Formação: _____
5. Ano de conclusão do curso: _____
6. Tempo de serviço na Educação Infantil: _____
7. Vínculo Empregatício: () Concursado(a) () Contratado(a)
() Outro. Especificar: _____
8. Cargo que ocupa: () Professor/a () Monitor/a
() Outro. Especificar: _____
9. Há quanto tempo atua no berçário? _____

PARTE II – Questões

10. Para você o que é interação?

11. Como acontece a relação com os bebês?

12. Qual a parte do seu trabalho que você mais gosta?

13. Qual a parte do seu trabalho que você acha mais difícil?

14. Ainda sobre a questão anterior, o que você faz para reverter a dificuldade e tornar seu trabalho mais proveitoso?

Obrigada pela sua colaboração!

ANEXOS

ANEXO A – QUESTIONÁRIO DA INSTITUIÇÃO



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Educação
Curso de Pedagogia
Estágio Supervisionado II – Educação Infantil
Professora: Ana Luisa Nogueira de Amorim

Questionário de Caracterização da Instituição

1. Identificação da Instituição:

Nome: _____

Endereço: _____

Telefone: _____

Nome do(a) gestor(a): _____

Tipo da Instituição:

() municipal () estadual () conveniada () comunitária

2. Dependências da Instituição: (especifique a quantidade)

Sala de Direção		Sala de Vice direção	
Sala de coordenação		Secretaria	
Sala de aula		Sala de repouso	
Sala de reuniões		Sala de professores	
Biblioteca		Brinquedoteca	
Sala de leitura		Sala de vídeo	
Sala de informática		Parquinho	
Pátio coberto		Pátio descoberto	
Solário		Sala de AEE	
Banheiros para adultos		Refeitório	
Sala de atendimentos odontológico		Banheiros para crianças	
Outros. Especificar		Sala de serviço médico	
		Sala para serviço psicológico	

3. Equipamentos de uso didático-pedagógico existente na escola:

TV		Aparelho de DVD	
Microsystem/aparelho de som		Computador	
Projeto Multimídia/data-show		Retroprojeto	
Outros. Especificar			

4. Recursos materiais utilizados na instituição:

5. Atendimento prestado à criança (quantidade de turmas, quantidades de crianças atendidas por turma, turno e faixa etária):

Turma	Turno	Faixa etária	Nº de crianças
Número de crianças matriculadas na instituição:			

6. Profissionais que atuam na instituição: (nome, formação e tempo de atuação na Educação Infantil)

7. Questões:

A) A instituição realiza algum tipo de diagnóstico sobre a realidade do educando e sobre as características socioeconômicas e culturais da comunidade escolar?

B) Descreve o perfil:

- Do corpo docente:

- Do corpo discente:

C) Descreva as Relações Sociais no espaço da instituição:

- Gestores(as), técnicos administrativos, docentes e técnicos pedagógicos:

- Instituição/Comunidade:

- Criança/Instituição:

D) A instituição tem um projeto político pedagógico? Como foi elaborado? Por quem?

E) Como é realizado o planejamento na instituição?

F) A instituição realiza avaliação do desenvolvimento das crianças? Qual a sistemática adotada para esta avaliação na instituição?
